

Formação, análise literária e originalidade - interlocução entre Antonio Candido e Roberto Schwarz

Santos, Wanderson Barbosa dos

Veröffentlichungsversion / Published Version
Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Santos, W. B. d. (2017). Formação, análise literária e originalidade - interlocução entre Antonio Candido e Roberto Schwarz. *Ideologando: revista de ciências sociais da UFPE*, 1(3), 65-84. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-57535-7>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-NC Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.de>

Terms of use:

This document is made available under a CC BY-NC Licence (Attribution-NonCommercial). For more information see: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



FORMAÇÃO, ANÁLISE LITERÁRIA E ORIGINALIDADE – INTERLOCUÇÃO ENTRE ANTONIO CANDIDO E ROBERTO SCHWARZ

Wanderson Barbosa dos Santos¹

RESUMO:

Este ensaio procura realçar as proximidades entre a obra de Antonio Candido e Roberto Schwarz em relação ao tema da *formação* e do papel da crítica literária. Dessa forma, o trabalho está dividido em duas partes. Na primeira destaco a interlocução relacionada ao livro *Formação da literatura Brasileira* e os apontamentos críticos posteriores de Schwarz. No segundo momento, aponto para os potenciais críticos de uma concepção de análise literária pertencente à tradição Candido-Schwarz.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Formativo. Literatura. Dialética. Antonio Candido. Roberto Schwarz.

INTRODUÇÃO

Este ensaio visa destacar por meio da análise da obra de Antonio Candido (1918-2017) e Roberto Schwarz (1938) o diálogo acerca do tema da *formação* da literatura brasileira.² Para cumprirmos com o objetivo posto em tela, recorreremos ao conjunto de ensaios e artigos produzidos pelos autores numa perspectiva de análise crítica, para: 1) apontar os distanciamentos e as aproximações entre mestre e discípulo; 2) realçar os elementos de

¹Universidade de Brasília – UnB; Brasília, Brasil; Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília; wanderson_santos@outlook.com

² Paulo Eduardo Arantes, em sua investigação sobre a experiência dialética na obra de Candido e Schwarz, destaca alguns apontamentos importantes para a construção deste ensaio. O primeiro deles diz respeito ao processo dialético contido na tese sobre a *formação da literatura brasileira*. Com base na concepção dialética de movimento/contradição, Arantes (1992) demonstra como tensão pautada na duplicidade do processo de formação brasileiro tendo: primeiramente, dado local e em seguida, o molde europeu; subsidiou a reflexão crítica dos dois autores. O segundo ponto refere-se ao processo cumulativo que Roberto Schwarz esclarece a partir da interpretação da obra de Machado de Assis. No texto de Arantes há mais observações e pormenores da relação entre mestre e discípulo, sobretudo na compreensão a partir da ideia de dialética integradora. Ver, Paulo Eduardo Arantes *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira – dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*.

De antemão, além do mais, vale anotar que a concepção de *Formação* que, repetida vezes será destacada neste trabalho, diz respeito à constituição progressiva do sistema literário, compreendido, conforme Candido salienta em suas obras, a formação de autores, obras e públicos em literatura. Dessa maneira, o movimento que se faz alusão ao longo do ensaio são as reflexões de Candido e sua aproximação com a obra de Schwarz no que corresponde a concepção expressa em *Formação da Literatura Brasileira*.

constituição e potencial da análise literária em ambos autores, fundamentada a partir de um referencial crítico.

Partimos de um inicial estranhamento, ou melhor, o sentimento de ausência da análise mais aprofundada da prosa machadiana no livro de Antonio Candido *Formação da literatura brasileira – Momentos decisivos* que objetiva compreender a literatura brasileira a partir da “síntese de tendências universalistas e particularistas” que, todavia, pouco há de destaque sobre um dos pontos altos da literatura nacional, isto é, o texto machadiano. Em sua análise original dos sentidos da formação da literatura brasileira, examinada a partir de critérios próprios para a compreensão do valor das obras e, sobretudo a sua *função social*, Candido, pouco menciona sobre o autor que representa o ápice do desenvolvimento do sistema literário brasileiro, isto é, Machado de Assis. Como veremos, ao longo de sua trajetória intelectual, o autor retomará esse ponto, sobretudo no apontamento para a necessidade de independência do sistema literário na chave de *Literatura e Subdesenvolvimento*. Essa retomada também será salientada à luz da obra de Roberto Schwarz.

Podemos compreender a partir desta linha de raciocínio que, a contribuição ensaística de Roberto Schwarz integra de forma complementar (complementação entendida no sentido de uma acumulação crítica) as formulações contidas ao longo da *Formação da literatura brasileira*, principalmente por conta do seu foco na interpretação da prosa de Machado de Assis. Schwarz (1999) em seu comentário nomeado *Sete fôlegos de um livro* destaca o texto machadiano como o ponto de fuga para compreensão da formação da literatura no Brasil. Sendo, nesse sentido, ponto de fuga do livro de Antonio Candido sobre a formação do sistema literário do Brasil, quer dizer, enfatiza o contexto e o surgimento de um escritor da relevância de Machado de Assis fundamentado na interpretação dialética. A perspectiva aqui posta é de complementação, porém, extrapola o próprio sentido da ideia de complemento na medida que, Schwarz indica a partir da herança crítica do marxismo a presença das contradições sociais, sobretudo, a disparidade entre alto desenvolvimento do espírito e a existência de formas sociais arcaicas, ao exemplo da escravidão.

Isso posto, destaco que ao longo do ensaio, concomitantemente a discussão central esboçada anteriormente, serão situados também os aspectos essenciais da análise do texto literário na obra dos dois autores. Esta digressão justifica-se na medida em que surge como um dos vários caminhos possíveis da conexão entre a obra dos dois autores analisados aqui.

DEBATE SOBRE A CONCEPÇÃO DE *FORMAÇÃO* NA LITERATURA BRASILEIRA: ADIÇÕES À TEORIA.

Antonio Candido e Roberto Schwarz se notabilizaram pela riqueza de suas críticas literárias, porém, mais do que isso, a importância dos dois intelectuais para o desenvolvimento dos estudos sobre literatura no Brasil está marcada pelos traços *formativos* dessa área de estudos. No que diz respeito ao eixo de correlação entre os dois autores é viável o direcionamento aos mais variados temas de pesquisa, todavia, como bem observado por Jackson (2004), a relação entre mestre e discípulo pode ser entendida por meio de suas interpretações sociológicas sobre a obra de Machado de Assis.³ Seguindo outro eixo, perseguiremos o diálogo entre os autores do sentido da formação da literatura para, em um segundo momento, apontar o caráter crítico da análise literária.

É instrutivo pensarmos como a trajetória entre mestre e discípulos se conectam, sobretudo no sentido de uma complementariedade entre suas reflexões. Coube a Antonio Candido dar os contornos analíticos para uma concepção de formação da literatura brasileira ainda em meados do século passado. Muito influenciado por uma leitura específica do funcionalismo, o autor lê as obras literárias na chave da *estrutura histórica* e sua *função social*. O exemplo disso está contido no ensaio *Estrutura literária e função histórica* no qual o autor discorre sobre o porquê da pouca relevância na época de seu surgimento da obra *Caramuru*, de Frei José de Santa Rita Durão. Na conclusão do texto Candido ressalta os elementos estruturais e históricos que confirmam que somente com desenvolvimento da corrente romântica pode-se aproveitar a obra de Santa Rita Durão como obra de importância para a literatura, pois:

“[...] desempenha uma função importante, graças ao caráter de paradigma, ressaltado pelo referidos escritos franceses. Isto foi possível em grande parte, por causa da natureza ambígua do poema, tanto na estrutura quanto na configuração do protagonista. Daí terem podido os precursores franceses e os primeiros românticos brasileiros operar nele uma dupla distorção, ideológica e estética.” (CANDIDO, 2000, 171).

³ No artigo *Perspectivas sociológicas sobre Machado de Assis*, Luiz Carlos Jackson descreve a relação entre Candido e Schwarz. Após assumir a cadeira de literatura comparada da USP, Candido convoca Schwarz para compor sua equipe. Nesse contexto, ambos os autores propõem-se a refletir sobre o estatuto da literatura no Brasil e, principalmente, a relevância das obras de Machado de Assis para a formação literária brasileira.

O viés retratado por Candido de sistema literário estava marcadamente associado aos chamados denominadores comuns de uma fase, isto é, elementos compreendidos como: idioma, temáticas e as generalidades da estrutura social, ou seja, orientações socio-psíquicas das obras. Após a publicação do livro de Antonio Candido intitulado *Formação da literatura brasileira*, em 1959, pode-se notar o aparecimento de novos estudos partindo da perspectiva salientada pelo autor; ora complementando, ora apontando as potencialidades da ideia de formação ali exposta. Porém, para a formação do sistema literário seria necessário, segundo Candido, o entendimento das “Tendências universalistas e particularistas” da literatura brasileira (CANDIDO, 2000, p.23).

O aspecto metodológico mostra-se decisivo nessa leitura, uma vez que, parte-se do entendimento de que os textos literários dizem respeito aos três denominadores que Candido marcou como importantes para a compreensão do sistema literário e que Musse (1995) destaca como o *triângulo autor-obra-público*. Nas palavras de Candido:

“Estes denominadores são, além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das manifestações das diferentes esferas da realidade.” (CANDIDO, 2000, p.23).

O sentido da formação passa por essas características apresentadas por Candido em seu livro, sendo descritos a partir da análise exaustiva de grandes autores nacionais. No que diz respeito aos desdobramentos intelectuais do conceito de formação, marcaremos aqui a

perspectiva de Schwarz. Sua leitura do Brasil a partir da obra de Machado de Assis é herdeira da tradição analítica de Antonio Candido, reservando algumas diferenças nas ênfases.⁴

Dos sentidos da formação da literatura até seus desdobramentos na estrutura social, Schwarz inova ao iluminar sua crítica para os pontos deixados de lado na redação do livro sobre a *Formação* de Candido. Todavia, em ensaios posteriores, Candido retoma uma análise da prosa Machadiana, sobretudo no que diz respeito ao seu valor como signo de maturidade literária. No caso de Schwarz, a tradição marxista fala mais alto; o ensaísta dirige seu olhar para a realidade e suas contradições. Nesse sentido, o lado “sombrio” da concepção de formação foi desmembrado e apoiado na incongruência entre um sistema literário formado e as características arcaicas da sociedade brasileira.

No ensaio *Sete fôlegos de um livro* Roberto Schwarz (1999) salienta um complemento à concepção de *Formação* conforme esboçada por Antonio Candido. Para o crítico a constituição progressiva do sistema literário no Brasil coexistiu e – não quer dizer que a superou – com as contradições sociais, por exemplo, a convivência com o sistema de escravidão no caso brasileiro. A elite brasileira letrada, dessa maneira, alcançou certo grau de organização mental, porém, sem benefícios de uma “civilização apreciável” (SCHWARZ, 1999, p.54-55).

Já em *Sobre a “Formação da literatura Brasileira”*, Schwarz dá um passo mais largo e salienta que as contradições ali existentes no contexto do Brasil escravista de muito se aproximam ao estado atual, particularmente porque os aspectos de cidadania – negados a população pobre – ainda não avançaram suficientemente (SCHWARZ, 1999, p.19).

Novamente em *Sete fôlegos de um livro* Schwarz comenta a contradição (contradição no sentido dialético) e a atualidade no livro de Antonio Candido, a saber:

“Vemos no livro de Antonio Candido que a elite brasileira, na sua parte interessada em letras, pôde alcançar um grau considerável de organização mental, a ponto de produzir obras primas, sem que isso signifique que a sociedade da qual esta mesma elite se beneficie chegue a um grau de civilidade apreciável.” (SCHWARZ, 1999, p.55)

O livro de Antonio Candido deve ser lido na constelação de obras do pensamento social brasileiro cujo tema principal foi a formação da sociedade brasileira, sendo, no sentido amplo

⁴ Uma pista para a compreensão de mais um nível de diferença entre os autores está esboçado no texto *Um seminário de Marx* de Schwarz (1999).

do termo, um texto sobre os alicerces culturais do Brasil⁵. Nesse sentido, direciona para uma reflexão mais abrangente que, não se encerra no tema da literatura, mas também sugere elementos para a consideração de uma reflexão sobre a história da formação de um sistema social literário a partir do conjunto de obras, escritores e público. De fato, a análise realizada nos contornos do texto da *Formação* oferecem substratos analíticos para a compreensão da forma literária do ponto de vista de outras ciências, por exemplo, a história e a sociologia. Todavia, a reflexão pautada por esse outro olhar jamais deve escassear a compreensão estética dos textos literários. Talvez seja uma boa direção seguir essa reflexão retomando o ponto de vista de Candido no ensaio *A passagem do dois ao três. Candido (2017)* em diálogo com a obra de Affonso Romano de Sant'Ana, discorre sobre os potenciais dos modelos denominados diático (estruturalismo) e triádico (marxismo), sendo que há o reconhecimento de que ambos podem fornecer explicações satisfatórias, entretanto, o modelo da tese, antítese e síntese oferece ganhos explicativos na medida que rompe com dicotomias presentes nas obras (CANDIDO, 2017).

Na tentativa de um maior esclarecimento da questão, Antonio Candido complementa:

“Seria então o caso de dizer que a análise baseada no princípio de auto-suficiência do texto pode ser multiladora, pelos menos quando trazemos à baila realidades tão além dos dados linguísticos quanto Natureza e Cultura. Uma vez invocados, tais conceitos empenham o analista, obrigam-no a ir até o fim do caminho e a pesquisar no texto o que tem de translúcido, além da opacidade, Ou então, convém efetuar uma análise de base estritamente linguística” (CANDIDO, 2017, p.794).

É, portanto, no contexto da relação dialética no qual a obra de literatura está imersa que se pode vislumbrar uma análise mais “completa” da sua mensagem. Note as pistas investigativas que Candido deixa ao longo dos seus ensaios e que, vistas no conjunto da obra, apresentam o enorme leque da sua crítica literária. Retomamos a discussão sobre essa abordagem mais adiante.

Neste ponto, Musse (1995) disponibiliza uma linha de conexão entre a obra dos dois pensadores analisados, neste ensaio, ao destacar o amadurecimento do sistema crítico

⁵ A referência, nesse caso, são os diversos trabalhos produzidos por intelectuais brasileiros que aduzem a alguma espécie de processo de formação do Brasil. São exemplos desses tratados *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, *Formação econômica do Brasil* de Celso Furtado e outras tantas obras do pensamento social brasileiro que se preocupam com o caráter formativo do Brasil.

brasileiro. Para Musse, a obra de Schwarz permite a dedução que a formação do sistema literário por, necessariamente, passar pelo papel dos críticos, insere a obra de Candido no interior desse sistema que se mantém em formação, ou seja, a representação da crítica incorpora a obra de Candido nos desdobramentos formativos da literatura. Assim, a obra de Schwarz surge nesse ínterim como o complemento a compreensão da formação (MUSSE, 1995, p. 44-45).

Evidentemente, a conexão entre os autores mostra-se interessante nos termos dos caminhos da formação, não obstante, vale destacar outra dimensão dessa relação. Na obra de Candido, nota-se, a persistência da chamada dialética entre o local e o cosmopolita. A título de exemplo, saliento os ensaios *Literatura e Subdesenvolvimento*, *Dialética da Malandragem* e o próprio texto da *Formação da Literatura Brasileira*. Uma das expressões dessa relação dialética ilumina o tema das contradições sociais da formação brasileira. Ora, ao indicarmos a obra de Schwarz como herdeira que não pretende superar, mas complementar a ideia de formação no sentido de acumular um cabedal crítico necessário para o sistema nacional, podemos nota uma linha desse prosseguimento na compreensão dos elementos contraditórios da formação.

No que diz respeito à análise da formação, Schwarz encara-a como um momento necessário para o florescimento da literatura nacional, apesar disso, destaca que há elementos na questão da *Formação* que merecem mais atenção, por exemplo, o fato de ter havido a coexistência do sistema literário brasileiro com elementos “anômalos”, tais como a escravidão marcada como um traço da sociedade brasileira daquela época (SCHWARZ, 1999).

Para Schwarz é de grande valor refletir sobre o movimento de formação que Antonio Candido apresenta em seu livro. Assinala-se as tentativas de reconstrução do ambiente intelectual do contexto oitocentista brasileiro e sua relação com o exterior nas obras *As ideias fora do lugar* e *Nacional por subtração*, em que o autor discorre sobre temas como as particularidades das ideias no Brasil e sua relação *fora do centro*; e, por outra via, a contradição entre a realidade nacional e os países que nos serviam como modelo, contradição, sobretudo em termos ideológicos. Em seu conjunto, são esboçados os próprios inconvenientes da leitura dessa relação como uma espécie de *transplante cultural*. Para Schwarz, a ideia de cópia não permitiria enxergar a “a parte do imitado no original, e também a parte original no imitado” (SCHWARZ, 1987, p.48).

Nesse sentido, Schwarz oferece outros contornos para a relação entre local e cosmopolita ao analisar a dinâmica da cópia e a influência do “estrangeiro” na formação da literatura. A reprodução de ideias da metrópole não tem caráter essencialmente negativo no texto de Schwarz. Para ele, faz parte do senso-comum dar sinal de negativo às produções culturais advindas dessa relação entre local e cosmopolita, sendo resultado comum dessa impressão negativa o sentimento de mal-estar. Porém, nesse sentido, há aqui uma nova ligação, dessa vez, de diagnóstico, entre Schwarz e Candido.

Nessa linha de raciocínio, o ensaio *Nacional por subtração* que discorre de forma mais acabada o sentimento de inadequação cultural local, pode ser lido como reflexão comum ao ensaio *Literatura e Subdesenvolvimento* que, ao menos em diagnóstico, herda a reflexão crítica do autor. No ensaio de Schwarz a ideia de que a imitação seja inevitável no contexto de um país colônia, mostra-se, como um falso problema. Observo, então, que para Candido a relativa dependência cultural local parece natural na medida em que somos um “continente sob intervenção”, logo, sem alternativas de escolhas nesse cenário. O falso problema ganha contornos, tendo em vista que, a cultura local ou a cultura subdesenvolvida pouco pode selecionar no cenário de colonização. Com tal característica, cabem aos críticos encararem a questão em outro paradigma.

Não avanço sem notar, a crítica dialética dos autores, principalmente na chave da compreensão do desenvolvimento da literatura e as contradições sociais. Aqui, a relação de dependência fruto do processo de colonização e espoliação do novo mundo, indica os desdobramentos em problemas de exclusão social e exploração que, não sendo resolvidos no momento pleno da formação, permanecem até os dias de hoje. Candido nos atenta para exclusão por meio dos altos índices de analfabetismo.

Mais uma vez, em *Literatura e Subdesenvolvimento*, Candido salienta o problema do analfabetismo como signo do processo de exploração da classe dirigente no continente latino-americano. Este ensaio que, data da década de 1970, está embebido por uma discussão acerca da cultura de massa. Notamos que, como efeito na literatura nacional, a exclusão por meio do analfabetismo tem resultados também na composição estética das obras.

“O analfabetismo e a debilidade cultural não influem apenas nos aspectos exteriores que acabam de ser mencionados. Para o crítico é mais interessante a sua atuação consciente na consciência do escritor e na própria natureza da sua produção” (CANDIDO, 1989, p.145).

Aqui, recorro a outro ensaio do autor intitulado *O escritor e o público* no qual Candido apresenta sua tríade compreensiva no qual escritor, obra e público entram em conexão consciente no momento criativo. Ao longo do século XVIII e XIX os escritos locais tinham compreensão que, dadas às características sociais de um elevado nível de analfabetismo, precisavam desenvolver um tipo de literatura diferenciada daqueles produzidas nas metrópoles. Nesse sentido, Candido destaca que o escritor nesse contexto prepara um texto literário para ser recitado em público, quer dizer, uma obra de literatura para ser recitada e ouvida por um público. Esse modo de exposição e apreciação da prosa literária foi conceituada como a “tradição de auditório” na literatura brasileira (CANDIDO, 2000).

Muito de tudo isso, conflui, para uma reflexão mais ampla acerca da formação da literatura nacional. As contradições locais jamais foram perdidas de vista pelos críticos, no entanto, a estrutura social e a formação literária como frutos de uma relação em processo, tolera certo grau de meditação na forma crítica expostas por Candido e Schwarz. Eles mesmos estão inseridos na formação da literatura na medida em que cumprem suas funções críticas.

Neste ponto, retomamos as raízes iniciais desta discussão. A descrição de um cenário de dependência em que alto grau de espírito não corresponde à resolução de problemas sociais. Sem tentar oferecer uma solução para todos os problemas, fiquemos apenas com o referente à emancipação, ou melhor, a independência literária e a necessidade de um escritor de primeira linha. Voltamos então ao ponto alto do texto da *Formação* no qual a figura machadiana salta e é mostrada como o ponto de fuga para a tese de *Formação*. Em *literatura e subdesenvolvimento* Candido retoma o exemplo de Machado de Assis ao dizer:

“Um estágio fundamental na superação da dependência é a capacidade de produzir obras de primeira ordem, influenciada, não por modelos estrangeiros imediatos, mas por exemplos nacionais anteriores. Isto significa o estabelecimento do que se poderia chamar um pouco mecanicamente de causalidade interna, que torna inclusive mais fecundos os empréstimos tomados as outras culturas.” (CANDIDO, 1989, p.152).

No âmbito das alternativas para a transcendência da dependência cultural, cabe ao surgimento de um escritor ilustre e com potencial de universalização no contexto brasileiro que, ainda assim, submete-se a outro conjunto de preceitos existentes no cenário de uma formação

literária, por exemplo, depende também, de uma crítica literária consciente da sua função específica.

Assim, do conjunto de posicionamentos críticos, essas formulações podem ser tomadas para a interpretação e o reconhecimento das consequências e desdobramentos da crítica literária, sobretudo, no sentido de sua função. O modo de abordagem ao texto foi destacado em vários escritos ao longo da trajetória de Candido e Schwarz, principalmente em obras nas quais ambos têm como objeto a interpretação de trabalhos consagrados da literatura nacional, tal qual é o caso das abordagens da produção literária de Machado de Assis. Como parte integrada ao processo de formação da literatura nacional, o papel da crítica literária, juntamente, a forma de leitura e compreensão da prosa, serão objetos de análise na próxima sessão do texto. Evidentemente, esse assunto não será tratado de forma definitiva, contudo, da composição de notas aqui destacadas, pretende mostrar a importância da obra crítica literária de Candido e Schwarz, sobretudo, para a consolidação da formação e da análise literária no país.

A LUPA DOS MESTRES: ENTRE TEXTOS E CONTEXTOS

Como empregar a metodologia de análise dos textos literários? Pergunta que permite, em virtude de sua amplitude, em tese, respostas das mais variadas, sendo, nenhuma delas, resultado de um caminho único e insuperável. *Em Esquema de Machado de Assis*, Antonio Candido já advertia que, dada a polivalência de algumas obras literárias – no caso específico, as de Machado de Assis – seriam possíveis que se levantassem questões e respostas das mais diversas, pois, a profundidade do texto permite inúmeras interpretações a partir da mesma leitura sem que, portanto, essas interpretações sejam injustas com a obra (CANDIDO, 1970).

Uma fórmula muito conhecida destacada por ele diz respeito à relação do *texto* e *contexto* na compreensão do texto literário. No vínculo dialético da obra com o seu contexto, entendido como o público de leitores e a relação com as gerações anteriores, podemos acentuar, também, a própria formação de um público de leitores no qual, a partir do processo de criação literária, o escritor teria a consciência do social ao qual se refere. Para o autor a obra funcionaria como um mediador entre autor e público (CANDIDO, 2000, p. 68-69). Portanto, sendo uma relação dialeticamente constituída, o crítico literário parte da busca por

conhecimento de aspectos contextuais dentro da economia do livro escolhido para sua interpretação. Dessa forma, os aspectos relacionados aos campos ali descritos no diálogo literário devem servir de fonte para a compreensão de elementos que vão desde a vida privada à política daquela sociedade descrita.

Já em outro momento, ao analisar a obra *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, Candido destaca que há uma moda à época (o texto foi redigido em 1973) que diz que a obra literária estaria muito mais ancorada em estímulos advindos de outras obras que a precederam do que de estímulos diretos – realidade social do escritor, por exemplo; Candido, não discorda dessa afirmação dizendo que “Deve haver boa dose de verdade nisso” (CANDIDO, 1993, p. 111). Uma faceta desse argumento que nos ajuda a compreender a metodologia de interpretação da obra literária são os indícios com que a obra se encadeia com a realidade: “embora filha do mundo, a obra é um mundo”, diz o autor no mesmo texto, isto é, embora partindo de uma realidade concreta e objetiva, a obra literária cria outra realidade objetiva. Dessa forma, para o intérprete há uma necessidade que se busquem as razões presentes no mundo ali descrito por meio da *disposição de núcleos de significados* expostos ao longo da obra. Fórmula descrita da seguinte maneira:

“Esta procura indicar a fórmula segundo qual a realidade do mundo ou do espírito foi reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo” (CANDIDO, 1993, p.111).

Para sistematizarmos esta reflexão pode-se apontar para o realismo na literatura, ou melhor, os diferentes tipos de realismos. Alfredo Bosi (2006) em *História Concisa da Literatura Brasileira* mapeia a existência da corrente dita *realista* a partir de meados da década de 1850. A agitação ideológica e política daquele período, indicada pelas mudanças na economia do açúcar e o fortalecimento de ideias liberais e abolicionistas, funcionaram, como pano de fundo para o surgimento dessa vertente literária. Nesse ambiente no qual os autores estão inseridos houve um esforço, com base nas teorias científicas então em voga, para produzir determinada objetividade nas descrições literárias. A “sede de objetividade” produziu vários ramos de *realismos*, sendo os mais marcantes o realismo naturalista, o realismo ficcional e realismo racional; todos eles com anseio de cientificidade em suas propostas literárias.

“O escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento” (BOSI, 2006, p.169).

Para Candido (1970) em *Dialética da Malandragem* o ingrediente do realismo brasileiro do século XIX foi a incorporação do “espontâneo e corriqueiro”, ligado, entretanto, às questões dinâmicas da sociedade brasileira. Ainda para Candido, o romance realista precisa comunicar uma visão de sociedade que é traduzida em termos artísticos e que, em grande parte dos casos, apenas pode ser avaliada de modo comparativo com outros documentos (CANDIDO, 1970, p. 73-74).

A perspectiva do *realismo* é particularmente fértil na análise sociológica que tem como objetos as fontes literárias, em especial, se o exame sociológico se dispôr da herança crítica desenvolvida a partir das reflexões da formação brasileira. No que diz respeito ao realismo, foi em Machado de Assis que suas interpretações foram com mais consideração investigadas, sobretudo, com a leitura crítica de Schwarz.

Segundo Leopoldo Waizbort (2007) as análises sobre a obra do escritor carioca têm como fio condutor a pergunta dos *tipos de realismos* existentes no texto machadiano. À luz de exemplos como o de Faoro (2001) e Schwarz (1997), o autor buscar assinalar, baseado em extensa pesquisa bibliográfica, em sua tese de livre-docência *A passagem do três ao um* como os textos literários funcionam como forma de ilustração para a análise histórico-sociológica (WAIZBORT, 2007, p. 16).

Abrimos um parêntese na reflexão para anotarmos uma influência que merece destaque na obra de Candido e Schwarz, pois se trata de Erich Auerbach. Nesse sentido, a obra do sociólogo Leopoldo Waizbort (2007) é decisiva ao destacar que: o realismo auerbachiano mostra-se como uma leitura essencial para o desenvolvimento da compreensão crítica do texto literário nas obras dos autores.

No registro da repercussão da herança interpretativa de Erich Auerbach, tanto em Candido quanto em Schwarz, vale destacar, sobretudo, o ponto de abordagem do texto, na vertente realista, a partir de mecanismos de compreensão social. Segundo Waizbort (2007) no

que tange ao procedimento⁶ de Antonio Candido na análise do texto *Memórias de um Sargento de milícias*, a influência de Auerbach está marcada, a saber:

“Desta feita, desde a abertura do ensaio inicial do livro estamos no âmbito dos problemas do realismo ou, dito com maior precisão, dos problemas dos realismos, e o crítico já vai demarcando as águas do conceito ‘usual’ de realismo, sugerindo e apontando para um conceito ‘inusual’, ampliado, e que vai desenvolver ao longo de suas análises. Esse conceito inusual é tomado de Erich Auerbach, não no sentido restritivo de uma utilização, mas no imaginativo da ‘assimilação criadora’ e ‘invenção’; um conceito que, assim como vimos com respeito a *Formação da literatura brasileira*, abole a perspectiva classificatória dos manuais” (WAIZBORT, 2007, p.182).

No caso da obra de Roberto Schwarz, Waizbort (2007) reitera ao longo de seu trabalho que o problema do realismo foi resolvido a partir das seguintes chaves. A primeira concerne ao vínculo dialético entre realidade e obra literária que, dada à característica de totalidade garantiria o estatuto de “verdade”. Por outro lado, concentra-se o raciocínio através das obras de Schwarz que, tem como pano de fundo a reflexão sobre a prosa machadiana, destacando os potenciais da fantasia na relação com a realidade para torna-la exata⁷ numa configuração de realidade histórica (WAIZBORT, 2007, p. 60-61).

Desta maneira, dispondo como pano de fundo para suas reflexões as obras dos principais intérpretes do texto de Machado de Assis, Waizbort focaliza no realismo diferencial do escritor para arrolar algumas singularidades dos seus romances e contos. A primeira delas relaciona-se ao materialismo do procedimento das situações descritas em seus livros, ou seja, a localização numa determinada realidade concreta. A segunda concerne a não caracterização das relações sociais com base no individualismo burguês encontradas em outras obras e

⁶ Waizbort (2007) se remete a amizade e influência de Sérgio Buarque de Holanda a partir do decênio de 1940, quando o autor de *Raízes do Brasil*, provavelmente, comentou com Candido a respeito de obras do exterior sobre crítica literária. Tanto os textos de Erich Auerbach (*Mimesis*) e de Ernst Robert Curtius (*Literatura Europeia e Idade Média Latina*) são referências nos textos publicados por Sérgio Buarque na década de 40. (WAIZBORT, 2007, p.92-93).

⁷ Waizbort (2007) enfatiza a influência de Adorno, Benjamin e Lukács na obra de Roberto Schwarz. A título de exemplo, lembremos que na seção “*E por que não pode ser brasileira a forma do realismo europeu?*” na qual o autor destaca a correspondência entre o conceito de *fantasia exata* na análise de Adorno sobre a obra de Balzac que foi utilizada na configuração do livro de Schwarz *Ao vencedor as batatas*. Podemos notar ecos dessa discussão acerca do tipo de realismo machadiano e sua relação com o realismo europeu no ensaio *Complexo, moderno, nacional e negativo*, no qual Schwarz (1897) realça a originalidade do texto de Machado de Assis na análise da burguesia nacional.

outros autores naquele momento.⁸ E o terceiro remete à exposição de dinâmicas familiares e do favor em sua obra (WAIZBORT, 2007, p. 52-54).

Nesse conjunto, a prosa realista, com presença marcada da análise de Auerbach, parece ser outro caminho comum no cruzamento da trajetória intelectual de Candido e Schwarz. Porém, precisamos realçar que, esse tipo movimento entre reflexão estética e análise literária, aduz a uma forma particular de aproximação com o texto literário, a saber, uma interpretação contextualizada.

Dentro das manifestações mais consagradas nesse sentido, encontra-se a proposição de Candido da relação entre *texto* e *contexto*; em uma via semelhante, Schwarz enfatiza o trânsito entre reflexão estética e reflexão histórico-social.

A compreensão do *texto* e *contexto*, de acordo com Candido (2000) deve ser entendida com apoio numa interpretação dialeticamente integrada. Nessa perspectiva, o interno e externo são examinados em conjunto e de modo relacional, partindo, tanto da reflexão estética quanto da análise social, isto é, dos elementos sociais que influenciam na composição da obra em questão (CANDIDO, 2000).

Como consequência dessa relação inicial, a análise do texto literário pode seguir um encadeamento, mais ou menos lógico e, sempre, dependente da particularidade da obra em exame, para a compreensão de tipos psicológicos e o contexto descrito na obra. Na expressão de um tipo de realismo, Candido (1970) indica que ela sempre traz consigo uma certa visão de sociedade, porém, com a expectativa que se transforme em algum tipo de expressão artística. De modo sumário, uma passagem da observação social para uma expressão de criação literária.

Nesse ponto, o ensaio *Dialética da Malandragem* sugere outro elemento de conexão com a obra de Schwarz. Pois, para Candido, o ponto de vista oferecido pela obra realista só pode passar pelo crivo da “fidelidade” na medida em que perpassa pelas comparações com outros documentos (CANDIDO, 1970, p. 74). Na visão de Schwarz a leitura decorre, como já mencionado, por uma concepção de totalidade que garante um esquema de “verdade”.

⁸ Alfredo Bosi em *História Concisa da literatura Brasileira* destaca, na seção reservada ao Realismo, que os romances constituídos desses atributos surgem num contexto brasileiro de efervescência em que diversas teorias científicas “entram” no linguajar intelectual da época. O esforço de parte dessa fase literária diz respeito a manter certo grau de impessoalidade diante das suas descrições com o fim do alcance de uma maior objetividade nas análises. Assim, a literatura alimenta-se do método correspondente das ciências nascentes. Entretanto, os diferentes *tipos de realismos* vão absorver e tratar desse atributo de modo diferencial, porém, o traço encontrado em comum a essas obras é a busca pela observação e análise racional das situações.

Mesmo assim, tomando essa observação de Candido, não podemos incorrer na simplificação de que a compreensão do texto perpassa, essencialmente, pelo modelo de aproximação descrito. Ponto de vista que mais expressa um semblante do autor se detém a reflexão referente aos dados internos oferecidos pela própria obra que, na análise literária, não devem ser suprimidos numa aspiração que ali se encontrem a realidade documentada.

“A força de convicção do livro depende pois essencialmente de certos pressupostos de fatura, que ordenam a camada superficial dos dados. Estes precisam ser encarados como elementos de composição, não como informes proporcionados pelo autor, pois neste caso estaríamos reduzindo o romance a uma série de quadros descritivos do costume do tempo.” (CANDIDO, 1970, p.76).

Com tal característica, as conexões entre forma literária e a realidade, reúnem-se a partir do trabalho do crítico. Os textos de cunho realista – mas não somente ele – pode ilustrar a realidade espacialmente e temporalmente situada, mas, também fornecem elementos para a compreensão histórica e social. Literatura não é a mesma coisa que sociologia ou história, apesar disso, os estímulos literários fornecem elementos para indagarmos e acessarmos núcleos documentais contido nessas narrativas literárias. Não se trata, portanto, de alegarmos que os escritores eram sociólogos ou historiadores, porém, seu relato situado temporalmente pode servir de subsídio para uma reflexão de outras áreas do conhecimento. A literatura possui sua dinâmica de formação própria e alheia aos condicionantes de outras formas de organização do entendimento do mundo. Do ponto de vista dos autores analisados aqui, essa relação deve ser mais bem matizada com intenção de não se “mutilar” a obra literária.

Em uma curta comunicação intitulada *Sobre Roberto Schwarz*⁹ na ocasião do seminário em homenagem ao autor, Antonio Candido discorre sobre as tendências ditas “mutiladoras”. O autor refere-se ao estruturalismo e a crítica sociológica na medida em que o primeiro cometeu a primeira mutilação ao procurar a todo custo “desvendar o modelo”; em relação ao segundo a crítica surge para sua “nostalgia do documento puro”, atuando assim, no sentido contrário da análise estruturalista. Ambas, segundo Candido, operariam dentro de uma lógica de perdas e ganhos, sendo raras obras que conseguem diminuir as perdas e maximizar os ganhos, entre

⁹ Refiro-me aqui ao livro *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz* organizado por Maria Elisa Cevalco e Milton Ohata no qual incluem diversas comunicações relacionadas à obra e trajetória de Roberto Schwarz. O evento que deu origem ao livro aconteceu entre os dias 23 e 27 de agosto de 2004 na Universidade de São Paulo. Utilizo, neste ensaio, detidamente, o texto que abre a seção *Análise da obra* escrito por Antonio Candido (2007).

elas, estaria o legado de Roberto Schwarz, sendo possível a partir de um caprichado tratamento integrador (Candido, 2007).

“Penso que Roberto Schwarz pertence a essa linhagem, porque é capaz de situar-se de várias maneiras e em vários níveis dentro e fora do texto, percebendo tanto a sua autonomia como construção específica quanto a sua dependência como produto cultural, além de possuir a capacidade de elaborar o estilo adequado para sugerir esta posição.” (CANDIDO, 2007, p.14-15).

O interessante, como tentamos ressaltar ao longo deste ensaio, isto é, a continuidade crítica entre Candido e Schwarz, fica manifesta de forma explícita e implícita nos inúmeros trabalhos produzidos ao longo da trajetória dos autores. Isso indica um movimento formativo da crítica literária que conflui rumo ao ponto específico da compreensão da forma literária dentro de pressupostos originais e sofisticado de análise da forma estética.

Ambos reafirmam a necessidade do trânsito entre análise estética, ou, da obra em si dentro de sua economia na forma imposta pelo escritor, porém, tendo como ferramentas a contribuição de outras áreas para uma mais ampla interpretação. De nenhum modo um processo soterra o outro, sendo assim, esse um fundo comum das críticas de ambos autores.

A análise crítica, na tradição Candido-Schwarz, encontra-se na contramão de uma especialização universitária contemporânea. Necessita de conhecimentos variados e compromisso político e moral com literatura do seu país (que não pode ser confundido com nenhuma espécie de ufanismo vulgar) e, tratando-se de um país subdesenvolvido nos termos de Candido, o compromisso e vigilância tornam-se ainda maiores de responsabilidade contra a imitação servil dos estilos exteriores.

Schwarz destaca esse comprometimento na obra de Candido, a saber:

“[...] O estudo [em referência ao ensaio sobre *O cortiço*] no caso não se filia a uma especialidade particular, embora esteja apoiado no conjunto de ciência humana, e venha animado de disciplina científica, como aliás indica a sua disposição para o debate construtivo, com padrão acadêmico, muito fora dos hábitos do país. Dito isso, é claro que o essencial do ato crítico, na parte que vimos até agora – a fixação e anatomia do tipo social atrás da prosa -, não depende só da erudição literária e histórica, mas também da sensibilidade político-moral” (SCHWARZ, 1994, p. 181).

Ao lado dessas meditações, notamos o processo correlato de promoção de um diálogo mais abrangente e que aponta para uma forma do texto *ensaio* sobre a qual a formação da crítica literária no país se ancorou. Tanto Candido quanto Schwarz fazem parte da composição que constitui a crítica dialética no Brasil que, neste trabalho, realçamos a perspectiva de complementariedade, sobretudo, nas observamos a partir de *Formação da literatura brasileira*. O acompanhamento da trajetória dos ensaios dos autores contribui para o esclarecimento da relação entre mestre e discípulo e nos fornece um mote para a compreensão da formação da crítica literária no Brasil e, por esse ângulo, as obras de ambos se complementam e demonstram o próprio amadurecimento que, ficando com os termos presentes na *Formação*, consolidam o sistema literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este sobrevoo objetivou proporcionar um pequeno retrato da relação intelectual entre Antonio Candido e Roberto Schwarz, sobretudo, no que diz respeito aos aspectos do debate sobre a concepção de formação e o papel da análise e do crítico literário. Evidentemente, há limites para a análise realizada neste ensaio devido à amplitude bibliográfica dos dois autores. De todo modo, acreditamos que tenha se destacado as principais questões no que tange ao diálogo proposto como problema aqui.

O desenvolvimento do raciocínio sustenta a continuidade do processo formativo brasileiro na figura dos dois autores que, se mostraram de forma constantemente reavivada, nos inúmeros ensaios e trabalhos produzidos na segunda metade do século XX. Como realçamos, por meio das referências implícitas e explícitas entre eles, há indícios de uma colaboração temática e construtiva para o pensamento social brasileiro. Nesse sentido, sugerimos, que, dentro dos contornos da ideia de formação do sistema literário, os autores discutidos em tela fazem parte da consolidação da própria literatura, notadamente, na figura de críticos literários.

A valorização do rigor na crítica literária, a partir da relação dialética entre forma estética e compreensão histórico-social, distingue os ensaios dos autores de modo marcante sob o signo do comprometimento e sofisticação teórica e metodológica. Com sua

potencialidade presente na tentativa de desvelar mais uma camada na constelação das formações do Brasil; Candido e Schwarz impelem as mais diversas áreas das ciências humanas e sociais para uma crítica sóbria e atenta as contradições sociais que são partes integrantes da nossa própria formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. Ed. 34. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

ARANTES, Paulo Eduardo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: a dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BOSI, Alfredo. O Realismo. In: **História concisa da literatura brasileira – Alfredo Bosi**. 43º ed. - São Paulo: Cultrix, 2006. p.161-259.

_____. A interpretação da obra literária. In: **Céu, inferno**. 1988. p. 461-467.

CANDIDO, Antonio. A Consciência Literária. In: **Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)**. Segundo Volume (1836-1880). 8º edição. São Paulo, 1997. p. 285-327.

_____. Esquema de Machado de Assis. In: **Vários escritos**. 1970. p.17-39.

_____. De cortiço a cortiço. **O discurso e a cidade**, v. 2, 1993.

_____. Dialética da malandragem (caracterização das memórias de um sargento de milícias). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, 1970.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. **A educação pela noite e outros ensaios**. Editora Ática, 1989. p. 140-162.

_____. Crítica e Sociologia. In: **Literatura e sociedade** / Antonio Candido Mello e Souza – 8.ed. - São Paulo, 2000. Publifolha (grandes nomes do pensamento brasileiro). p.5-16.

_____. O escritor e o público. In: **Literatura e sociedade** / Antonio Candido Mello e Souza – 8.ed. - São Paulo, 2000. Publifolha (grandes nomes do pensamento brasileiro). p. 67-81.

_____. Estrutura literária e função histórica. In: **Literatura e sociedade** / Antonio Candido Mello e Souza – 8.ed. - São Paulo, 2000. Publifolha (grandes nomes do pensamento brasileiro). p. 153-172.

_____. A passagem do dois ao três: contribuição para o estudo das mediações na análise literária. **Revista de história**, v. 50, n. 100, p. 787-800, 2017.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio- Raymundo Faoro**. – 4º ed. rev.- São Paulo: Globo. 2001.

JACKSON, Luiz Carlos. "Perspectivas sociológicas sobre Machado de Assis. **Revista Estudos Históricos**, 2004. p. 71-88.

MUSSE, Ricardo. "Duas ou três coisas sobre Antonio Candido." **Trans/Form/Ação**, 1995. p. 43-50.

SCHWARZ, Roberto. Sobre a “Formação da literatura brasileira”. In: **Seqüências brasileiras: ensaios**. Editora Companhia das Letras, 1999. p.17-23.

_____. **Seqüências brasileiras: ensaios**. Editora Companhia das Letras, 1999.

_____. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. Livraria Duas Cidades, 1997.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. Editora 34, 2000.

_____. **As ideias fora do lugar: ensaios selecionados – Roberto Schwarz**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

_____. **Que horas são?**. Companhia das letras, 1987.

_____. Originalidade da crítica de Antonio Candido. **Nuevo Texto Crítico**, v. 7, n. 1, 1994. p. 175-191.

WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia**. Cosac & Naify, 2007.

ABSTRACT:

This essay aims to highlight the proximity between the work of Antonio Candido and Roberto Schwarz in relation to theme of *formation* and role of literary criticism. In this way, the work is divided in two parts. In the first I highlight the interlocution related to the book *Formação da literatura Brasileira* and later critical notes of Schwarz. In the second moment, I point to the potential critics of a conception of literary analysis belonging to the Candido-Schwarz tradition.

KEYWORDS: Formative Movement; Literature; Dialectic; Antonio Candido; Roberto Schwarz.

Recebido em: 02/12/2017

Aprovado em: 26/03/2018